

O IDEAL

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO

ORGÃO DOS ALUMNOS DO "INSTITUTO DE HUMANIDADES"

... mais il est permis même au plus faible
d'avoir une bonne intention et de la dire.
V. HUGO.

Publicação quinzenal

ENCARREGADOS DE REDACÇÃO:

Leonel Chaves, José Carvalho e Fiuza de Pontes.

Numero avulso 100 rs.

Instituto de Humanidades

FUNDADORES:

Conego Vicente Salazar da Cunha.
Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos.

LENTES:

Dr. José Carlos Ribeiro Junior.
Dr. José Faustino da Silva.
C.º Agapito Jorge dos Santos.
Dr. Antonio Epaminonda da Freta.
Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos.
Zacarias Gondim.
Tiberio Aboim.
Tristão Spinosa.
Monsenhor José Teixeira da Graça.
Conego Vicente Salazar da Cunha.

O IDEAL

Fortaleza, 14 de Julho de 1894.

A QUINZENA

No momento em que escrevemos, Paris ainda deve estar de luto. Sadi Carnot era bastante estimado na sua patria, para que sua morte não tenha penalizado a França inteira.

Deve ter doido muito ao grande homem de Estado morrer, não no campo de uma batalha, em defeza de de seu paiz ou por amôr de uma ideia; mas morrer, assim, victima da emboscada de um punhal.

Perdão, Sadi Cardot morreu em defeza da França e de todo o mundo civilizado na luta que a retidão e a e-

nergia do seu espirito travou contra o anarchismo.

O facto de que foi theatro a cidade de Lyon, na França, não é acontecimento commum que importe só á terra da Bastilha. O nome de Sadi Carnot tinha-se ligado estreitamente á sua patria por serviços reaes e fraternalmente a todos os povos civilizados, pela admiração que os grandes homens infundem ao mundo inteiro.

O seu enterro tem logar em Paris; mas as exequias do Presidente da França se fazem entre todas as nações irmãs que admiram o povo francez.

Sadi Carnot morreu victimado pelo anarchismo, que é uma gangrena da sociedade universal.

E á França que deve ter sentido bastante perder o seu Presidente, para quem ella reserva a corôa dos predestinados da historia, resta, em meio de sua indignação, o consolo de que não foi um fracez quem o matou. Ainda bem para o nome do povo francez.

O Brazil manda a sua irmã—a França— situada em terra diversa e sob diverso clima—ligado a si pela homogeneidade de ideias, o seu abraço que exprime toda a sxtensão de um pezar,

que a afinidade de sentimentos produz.

Na chronica theatral ha a registrar as magicas do Sr. Nicolay.

Ir a gente ao Theatro, ali na esquina da Rua Formosa, serve só para se repetir pela milesima vez este conceito: « O Ceará não possui um... theatro ».

Mas possuia um Cassino.

Com que saudade o velho casarão do 2.º plano do Passeio não vae dizendo adeus á Avenida Caio Prado! E esta com um ar desdenhoso de moça bonita, parece retorquir-lhe, ao seu olhar de moribundo: Sae-te d'ahi espelho sem luz.

E o tempo e o sol e a chuva de mãos dadas com a Intendencia vão mesmo mandando que elle saia.

E elle cahe aos poucos ouvindo o soluço plangente do mar e a Avenida ri-se vendo desmoronar-se a Bastilha do mau gosto.

Appareceu o livro *Contos do Ceará* de Eduardo Saboya.

Como o rapaz é quasi irmão d'este que se fez chro-



nista por uma necessidade jornalística, abstemo-nos de qualquer conceito e juramos ...suspeição.

*
* *

Annuncia-se a publicação de mais um livro, *Versos* de Antonio de Castro. É acto de coragem inaudita publicar um livro no Ceará. Arcar contra a indiferença japoneza do povo d'esta terra, já é alguma cousa. Sim, porque n'esta terra ha gente refractaria a toda a cultura intellectual.

Terra da luz...

*
* *

No Sul entretanto, a effervescencia litteraria cresce.

Já conheciamos Affonso Celso através da penna de estylista vibrante, e agora conhecemol-o tambem pela lyra simplice, harmoniosa e doce.

Rimas de outr'ora, rimas de um poeta desde estudante até ser pae, é o livro com que o scintillante auctor das *Notas e Ficções* contribue agora para a historia nacional da evolução litteraria.

Obrigado Dr. Celso, pelo bem que seu livro nos fez.

*
* *

Passou para a historia o Bazar da Phenix Caixeiral.

Não digo que ainda tenha muita gente com a cabeça tonta pela festa extraordinaria da Phenix; mas de carteira vasia é que ainda ha muitos.

Agora em ponto pequeno, surge o *Mignon Bazar* dos alumnos do Parthenon, que querem fazer de um theatrosinho o seu ponto de recreio.

Applaudimos os jovens collegas, que por uma ideia meritoria fazem appello a' generosidade cearense.

*
* *

Urso! O urso ahi anda dançando pela rua. Ah! si ainda fossemos menino e não contassemos um passado de 18 annos, ah! si fossemos moleque que andaríamos atraz do urso.

Mas chronista do *Ideal*...

*
* *

A um redactor do *Ideal* foi que eu disse muitas vezes que a quinzena da publicação d'este jornal ainda ficava do tamanho ou maior que a do *Ceará Illustrado*.

Mas eu sempre escreverei *A quinzena* de... 70 ou 30 dias.

P. TIZ.

Emigração

OS CEARENSES NO NORTE

Não é nosso intento despertar *O Ideal* do regaço tranquillo do livro e da escola e leval-o ao palco do drama social, atiral-o á arena do jornalismo adiantado para discutir e resolver problema algum da vida politica. Como crearenses, como filhos desta terra de amôr e de luz sentimos uma tristeza immensa, um confrangimento que sempre sente um coração patriota diante do infortunio e da desgraça de seus irmãos.

O Ceará de tão gloriosas tradições, por isso mesmo talvez, é sempre uma victima, um martyr á supportar o peso de todos os males possiveis.

As seccas, as irregularidades dos invernos, a falta de rios perennes, de lagos ou grandes reservatorios d'agua, o pouco adeantamento da industria, a escassez das rendas publicas, são factos explicaveis pelas leis natu-

raes que estão ao alcance de todos.

O patriotismo, porem, o ardôr, a abnegação de seus filhos, pertencem ao dominio das leis sociaes, a ella portanto cumpre estudal-as.

O cearense, é o cearense libertador do escravo, é o cearense republicano tradicional, o soldado, o escriptor, o poeta desde que tenha ido a' escola, desde que lhe illumine a luz sagrada da instrucção, a luz bemdicta do livro!

Bemdicta a instituição da escola! Pugnamos aqui pela diffusão da instrucção, pelo ensino obrigatorio a todos os filhos da terra de Iracema.

Não é a secca que tem operado a emigração dos cearenses para o norte. Não é o sol inclemente e abrasador de 77 nem o inverno deluvioso de 94, que têm arrancado nossos irmãos para sepultal-os nos pantanos do Amazonas. E' a esterilidade do espirito, é a bruma da ignorancia!

O braço cearense tem felicitado o Amazonas, ao passo que o Ceara mal póde suster-se; seu sangue, não tememos dizel-o, é o estreme, é a seiva dos seringaes do Amazonas, cuja borraça é carne, porque ella, a carne cearense, tem a elasticidade do trabalho, do valor, da perseverança. Ainda assim bemditos os nossos irmãos!

Coitados! illudidos, fascinados, pagam bem caro sua generosa ambição. Abandonam a doce vida de sertanejo feliz e vão captivar-se ao *patrão* aventureiro e tyranno!

Inconscientes da lesão de seu direito e de seu suor, esperam cada anno o saldo promettido que os tem de felicitar. Centenas devidas

perecem nesta doce esperança, e se findam do modo mais triste, mais pungente e mais doloroso possível!

Alli desaparece o sentimento de patriotismo, o amor fraternal, a caridade emfim, para o infeliz que adoece consciente da morte minada pelo desespero que lhe arranca o ultimo conforto, a ultima esperança! Tristissima aventura!

J. C.

(Continúa.)

A MUSICA

Não sei e nem posso comprehender a acção directa e indefinivel que sobre nosso ser exerce a musica.

Ao ouvil a apodera-se de nós uma alegria que passa ao enthusiasmo e essa alegria nos agita, transmite-se a outro com mais intensidade e então nadando em ondas de mystico prazer, gozamos de ignotas sensações que nos fazem felizes, verdadeiramente felizes.

Si no campo da batalha quasi a esmorecer o combatente ouve de envolta co'os gemidos de seus companheiros e o medonho troar dos tiros a nota estridente e marcial do ciarim, renova-se lhe o valor e impavido campeão avança briosamente zombando da morte que fita de perto e procura nas fileiras inimigas mais gloria e fulgor ao renome nacional.

O amor á musica patentea-se de um modo admiravel até entre os selvagens que no aborrecido chocalhar cadenciado dos maracás arrefeciam seus instinctos bellicosos enchendo-se de ousada coragem, com que commettiam actos de inimitaveis bravuras.

Nos momentos em que ouvimos e apreciamos a execução de uma peça, esquecemos as magoas que nos compungiam, talvez ha bem pouco; ella tem esse magico poder de nos enleiar, de nos fazer esquecer a nós mesmos e nos fazer participantes de doçuras que não se podem imaginar e nem tão pouco explicar.

Em nossa insaciavel avidez pelo bello, julgamos ouvir queixumes no monotono sussurro do regato, deleitosas canções no brando ciciar

das brisas; e o constante marulhar das vagas infunde em nossa alma doces e ineffaveis impressões.

A musica e só a musica pode produzir o enthusiasmo e agradavelmente impulsionar o nosso coração.

L. BEMVINDO.

A LOUCA

(Ao ZACHARIAS MAGALHÃES)

Pelo olhar frio e dolente, advinhava-se o que se passava no amago do seu coração frio, como o olhar dolente...

Toda vez que a via, os cabellos desgrenhados, as roupas maltrapilhas, ia commigo um não sei quê de vago e mysterioso, triste, como uma estrella que estivesse a lacrimejar para um canto da abobada concava, e fosse obscurecida por uma nuvem negra, pezada...

Era sempre na margem das estradas que todas a encontravam, exhausta de forças, os pés a gottarem sangue, os roseos pés que muita vez a espuma da praia tentara beijar, quando, ao lado do enamorado das suas fórmas esculpturaes, ia assistir ao regressar das céleres jangadas.

Ahi, então, occorria-lhe a comparação poetica do seu amôr com uma d'aquellas velas que resvalavam de mauzo por sobre o dorso arquiado do oceano.

*
**

Mas tudo se transformara.

Aquella bonança de outr'ora fôra succedida por um perigrinar eterno.

O amante? perguntei-lhe um dia.

E ella cravando em mim aquelles olhos frios e dolentes, murmurou, n'um momento de lucidéz: «Ide ao cemiterio. Lá o encontrareis junto com os vermes. Ha mezes que se enclaustrou na paz de uma sepultura. Não preciso ir lá onde jaz no silencio eloquente dos cyprestes. Vejo-o sempre... vejo-o, e o seu sorriso eu banho-o de lagrimas ardentes!»

E enquanto eu olhava-lhe os cabellos desgrenhados, as roupas maltrapilhas, ella embevecida, enlevada, acompanhava uma ave que se ia extensão em fóra.

Julho, 94.

Roberto de Alencar.

CENTÊLHAS

ALVORADA

Irrompe altiva e candida a manhã.
Cantam aves em plena madrugada,
Com a melodia simplesmente chã
Com que despertam aos raios d'alvorada

E a meiga pomba alvissima e louçã
Faz o ninho dos galhos na ramada
De vez em quando com mimozo afã
Arrula rindo alegre, descuidada.

E'manhã tambem dentro em minh'alma
Ella desperta a annunciar-me calma
De nosso amor a sorridente aurora.

E para amor tão puro e tão perfeito
Fabrica o ninho dentro de seu peito
Junto a esperança que esse peito enflora!

FUZA DE PONTES.

MINHA MÃE

A' J.º J. FERREIRA MAIA

Já fui creança. O' Deus! Quanta ventura
Nos ternos braços de ua mãe querida
Sentir o affecto cheio de ternura
Nascido d'alma! Oh! mãe estremecida.

Como explicar o puro e santo laço,
Em que se sonha cheio de esperança!
A dormir tranquillo no regaço,
A suspirar suspiros de creança!

O' doce mãe, que ris ao nosso leite
Ou contemplando aconchegado ao peito
O fructo das sublimes affeições

Que vem do céu, conserva-me nos braços
Como?... A distancia embarga nossos
(passos
Mas não existe em nossos corações!

L. C.

ULTIMA ESPERANÇA

A Fiuza de Pontes

Era a ultima esperança.

Todas as outras tinham voado do pombal de minhas Illuzões: faz muito frio aqui, diziam ellas e uma a uma voaram impiedosamente do Pombal de minhas Illuzões...

Tomei-a entre as mãos, acariciando-a. Era uma valente pomba de azas triumphantes, muito brancas, a representante de minha ultima Esperança.

Em seguida soltei a desconsoladamente para o poente, onde agonizava envolto em pellucida guipura, o astro rei...

Vesper era a unica estrella que brilhava como uma lagrima purissima de Santa crystalisada no veludo intangivel do céu...

Apenas solta, a gentil mensa-

geira atufou-se no azul quieto, e vi-a muito mansa agitando tristemente as azas, sumir-se ao longe, envôlta na poeira d'ouro que cahia como uma pellucida guipura...

*
**

Esperai muito...muito...

Já o sol descambara de todo. Os últimos clarões bruxoleantes desmaiavam na phosphorescencia esbrazante do occaso.

A gaze tenue do crepusculo ondulava por sobre a frondosa ramaria das arvores...

As sombras cahiam n'uma intermittencia lugubre de tumulo que se feicha, emquanto por cima na tela tranquillamente azulada, accendião se as estrellas tremulas em lucilações candidas de pupila que se abre...

Nem um turturino de pomba, nem uma rufalhada de aza...

Subito, senti um rasgar de aza pela extensão quieta.

Atirei resolutamente a vista pelo horisonte purpuro.

Ligeira, riscando impiodosamente a tela azulada, passava uma aza tetrica de corvo grasnando ironicamente pela extensão...

...Enquanto que a pomba, a gentil mensageira de miha ultima esperança...nunca mais voltou l...

Julho 94.

ALFREDO SEVERO.

« CONTOS DO CEARÁ »

Eduardo Saboya. — 60 paginas. — Editora: Padaria Espiritual. — Typ. Cunha Fero C.ª

Eduardo Saboya, n'osso querido collaborador, offereceu-nos um exemplar do seu livro, um mimoso trabalho intellectual e typographic.

Poderíamos fazer ponto aqui, agradecendo ao auctor a delicadeza da offerta.

E si assim procedessemos, não fariamos sinão o que fêz o publico d'esta terra, inteiramente indifferente á arte e ás lettras.

Qual o motivo de assim pensar? Não sabemos responder.

Entretanto, suggere-nos á mente a seguinte concepção: os homens do Ceará, com algumas excepções, são de opinião que a terra que

lhe viu nascer, precisa mais de fabricas industriaes e lavoura, do que de versos e contos.

Pobre Victor Hugo si os seus patricios pensassem da mesma fórma!

O Ceará não precisa de litteratura!

E o que lhe tem dado reputação?

A industria?

Não, insolentes burguezes.

Si não fôra José de Alencar e outros homens da sua tempera, nunca o nosso berço passaria de um simples estado do Brazil.

O Ceará precisa de versos, de contos, emfim, de uma actividade litteraria continua, interrupta, sem o que viverá no olvido.

E' mister que se faça o progresso material, porém é imprescindivel o intellectual para tornal-o solido e conhecido.

O industrial vive unicamente para o seu meio, ao passo que o homem de lettra vive para todos os circulos.

Mas não esqueçamos os *Contos!*

Agradabilissima a impressão que nos deixou.

Ha n'esse livro paginas de palpitante sentimentalidade e de fino humorismo.

O pranto e o riso!

Os dois sentimentos que nos brotam d'alma um após o outro, encontra-se-os promiscuamente n'essas paginas de estréa.

E' uma das boas qualidades do livro, em a nossa opinião.

A gente sente tristeza em lendo—*O obituario, A filhica, A jangada*, porém logo depois vêm—*O milagre, Divorciados*, e ella se dissipa facilmente.

E' um livro bom, tanto mais quando o seu autor é pelo nativismo.

Agora resta-nos, depois de termos cumprido o nosso dever externando a nossa opinião sobre os *Contos*, dizer ao Eduardo que continúe, prosiga intrepidamente, porque a *Padaria Espiritual*, de que elle faz parte, ha de mais tarde, com o auxilio d'elle e de outros associados, suplantar poruma vez este indifferentismo glacial que tenta truncar os passos dos nossos rapazes de lettras.

14 de Julho

O 4.º numero do *Idéal* sahe á luz no dia em que o mundo civilisado comemora um grande acontecimento — o inicio da grande revolução com que a França deu ao universo o exemplo para o exterminio das tyrannias.

No começo de Julho de 1789 a corte resolvera resistir ás reivindicações do povo e preparava a contra-revolução agglomerando tropas estrangeiras em torno de Paris.

A demissão de Necker, o ministro popular devia ser o signal da reacção e foi o da revolução. Apenas conhecida essa demissão, o grande agitador Camille Desmoulin congregou o povo e, tal era a emoção e o entusiasmo patriotico de que se achava possuido que, sendo extremamente gago, pela primeira vez fallou extensamente sem gaguejar. O amor da patria curara o defeito organico...

Elle revelou ao povo os planos sinistros da côrte e concitou-o á guerra. E o povo declarou a guerra e no mesmodia a Bastilha, apoderosa fortaleza da monarchia cahia em poder do povo.

Começara a triumphar a liberdade e a democracia.

CEARÁ — *Tip. Universal.*